histórias de aventureiros e patifes

george r. r. martin e gardner dozois

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÍNDICE

Introdução: Todos Adoram um Patife • 9
George R. R. Martin

Como o Marquês Recuperou o seu Casaco • 19
Neil Gaiman

Proveniência • 51
David W. Ball

Qual É a sua Profissão? • 89
Gillian Flynn

Uma Forma Melhor de Morrer • 123
Paul Cornell

Um Ano e um Dia na Velha Theradane • 159
Scott Lynch

A Caravana para Nenhures • 207
Phyllis Eisenstein

Galho Vergado • 253
Joe R. Lansdale

A Árvore Reluzente • 289
Patrick Rothfuss

Em Exibição • 355
Connie Willis

O Príncipe de Westeros ou O Irmão do Rei • 405
George R. R. Martin

INTRODUÇÃO

TODOS ADORAM UM PATIFE

GEORGE R. R. MARTIN

TODOS ADORAM UM PATIFE

… embora, às vezes, as pessoas sobrevivam para se arrepender.

Desavergonhados, vigaristas e malandros. Vagabundos, ladrões, trapaceiros e crápulas. Meninos e meninas maus. Biltres, sedutores, enganadores, burlões, impostores, intrujões, falsários, mentirosos, malvados, charlatões… têm muitos nomes, aparecem em histórias de todos os tipos, em todo e qualquer género, em mitos e lendas… Ah, e também em todos os lugares na História. São filhos de Loki, irmãos do Coiote. Às vezes, são heróis. Outras, vilões. Mas costumam ficar num ponto intermédio, personagens numa zona cinzenta… e o cinzento tem sido há tempos a minha cor favorita. É muito mais interessante do que o preto ou o branco.

Acho que sempre tive uma queda por patifes. Quando eu era criança, na década de 1950, às vezes parecia que metade do horário nobre da televisão era dedicada às *sitcoms* e a outra metade aos *westerns*. O meu pai adorava *westerns*, pelo que cresci a ver esses filmes, um desfile interminável de xerifes de queixo forte e delegados fronteiriços, cada um mais heroico do que o outro. O delegado Dillon era uma rocha, Wyatt Earp era valente, corajoso e ousado (era o que dizia o tema musical); o Mascarilha, Hopalong Cassidy, Gene Autry e Roy Rogers eram heroicos, nobres, honrados, os exemplos mais perfeitos que qualquer um poderia

desejar… mas nenhum deles me parecia real. Os meus heróis do faroeste favoritos eram três que rompiam com o padrão: o Paladino, que se vestia de preto (como um vilão) quando andava na estrada e como um dândi efeminado quando estava em São Francisco, «na companhia» (claro) de uma bela mulher, uma por semana, e que prestava serviços por dinheiro (os heróis não queriam saber de dinheiro); e os irmãos Maverick (especialmente Bret), sacanas sedutores que preferiam trajes de apostadores com fato preto, gravata de laço e colete pomposo ao uniforme tradicional de xerife, com distintivo e chapéu branco, e que eram mais vistos em mesas de póquer do que em tiroteios.

E sabem, mesmo hoje em dia, *Maverick* e *Paladino* resultam muito melhor do que os *westerns* mais tradicionais da época deles. É possível alegar que tinham argumentos melhores, representações melhores e melhores realizadores do que a maioria dos *westerns* de segunda linha da época, e talvez não seja mentira… mas acho que o fator «patife» proporciona um bom contributo.

Porém, não são só os fãs de antigos *westerns* televisivos que apreciam um bom patife. A verdade é que esse arquétipo de personagem permeia todos os meios e géneros.

Clint Eastwood tornou-se uma estrela ao dar vida ao durão Rowdy Yates, ao implacável Dirty Harry e ao Pistoleiro do Diabo, todos patifes. Se, em vez desses personagens, tivesse representado os bonzinhos Goody Yates, Billy Direitinho e Pistoleiro do Céu, ninguém se lembraria dele. É verdade que, quando eu andava na faculdade, conheci uma rapariga que preferia Ashley Wilkes, tão nobre e abnegado, ao canalha Rhett Butler, jogador e contrabandista… mas acho que ela é a única. Todas as outras mulheres que conheci escolheriam Rhett em vez de Ashley sem pensar duas vezes, e nem vamos comentar sobre Frank Kennedy e Charles Wilkes. Harrison Ford causa uma impressão de um verdadeiro patife em todos os papéis que representa, mas, claro, tudo começou com Han Solo e Indiana Jones. Alguém prefere mesmo Luke Skywalker a Han Solo? Claro que Han alinha no jogo apenas por dinheiro, deixando isso bem claro desde o início… o que deixa tudo mais emocionante quando ele regressa no fim de *Guerra das Estrelas* para enfiar aquele foguete no rabo de Darth Vader. (Ah, e ele REALMENTE atira primeiro, não importa quantas versões corrigidas George Lucas faça daquele primeiro filme.) E Indy… Indy é a pura definição de um patife. Sacar a arma para

atirar naquele espadachim não foi justo… mas, vejamos, quem é que não o adora por essa cena?

Porém, os patifes não dão cartas apenas na televisão e nos filmes. Reparem nos livros.

Pensem na fantasia épica, por exemplo.

A fantasia geralmente é caracterizada como um género em que o bem absoluto combate o mal absoluto, e esse tipo de situação é mesmo abundante, especialmente nas mãos das legiões de imitadores de Tolkien com os seus cansativos senhores sombrios, lacaios maléficos e heróis de queixo quadrado. Porém existe um subgénero mais antigo da fantasia que fervilha com patifes, chamado de «espada e magia». Conan da Ciméria às vezes é caracterizado como herói, mas não nos esqueçamos que ele também era ladrão, saqueador, pirata, mercenário e, em última análise, um usurpador que se instalou num trono roubado… e dormiu com todas as mulheres atraentes que encontrou pelo caminho. Fafhrd e o Gray Mouser são ainda mais canalhas, apesar de não terem alcançado tanto sucesso. É improvável que algum deles termine sendo rei. E, então, temos Cugel, *the Clever*, de Jack Vance, totalmente amoral (e delicioso), cujas maquinações nem sempre parecem produzir os resultados desejados, mas ainda assim…

A ficção histórica também tem a sua parcela de patifes ousados, sorrateiros, suspeitos. Os Três Mosqueteiros certamente tinham as suas características manhosas. (Sem elas, não se pode desembainhar uma espada com ousadia.) Rhett Butler era tão canalha no romance quanto no filme. Michael Chabon deu-nos dois novos e esplêndidos patifes com Amram e Zelikman, as estrelas do seu romance histórico *Cavalheiros da Estrada*, e espero que seja possível ver muitas aventuras dessa dupla. E, claro, há o imortal Harry Flashman, de George MacDonald Fraser (para vocês, Sir Harry Paget Flashman, Cavaleiro da Cruz Vitória, Cavaleiro Comandante da Ordem de Bath e Cavaleiro Comandante da Ordem do Império Indiano, por favor), personagem que parece emprestado de *Tom Brown's Schooldays*, o romance clássico de Thomas Hughes, famoso nos colégios internos britânicos (uma espécie de Harry Potter sem *quidditch*, magia ou miúdas). Se ainda não leram os livros de MacDonald com Flashman (podem passar à frente Hughes, a menos que apreciem os princípios morais vitorianos), ainda não conheceram um dos maiores patifes da literatura. A experiência é realmente de causar inveja.

Western? Caramba, o Velho Oeste fervilha de canalhas. O herói fora da lei é tão comum quanto o bandido fora da lei, se não for ainda mais. Billy the Kid? Jesse James e o seu bando? Doc Holliday, canalha e dentista *extraordinaire*? E, se pudermos voltar à televisão, mas desta vez para as TV por cabo, também temos o fabuloso *Deadwood*, da HBO, cujo final foi muito lamentado, e o vilão que era a sua estrela, Al Swearengen. Da forma que foi interpretado por Ian McShane, Swearengen roubou completamente o protagonismo ao suposto herói, o xerife. Ora, os patifes costumam ser bons larápios. É uma das coisas que eles fazem melhor.

E o que dizer do género romântico? Hum… Num livro romântico, o patife fica quase sempre com a miúda. Hoje em dia, não é raro que a patife seja a rapariga, o que pode ser ainda mais interessante. É sempre bom ver as convenções viradas do avesso.

A ficção de mistério tem subgéneros dedicados apenas a patifes. Os detetives privados sempre têm esse aspeto; se fossem do tipo certinho, honesto, presos apenas aos factos, seriam polícias. E não são.

Eu poderia dar muitos outros exemplos. A ficção literária, os romances góticos, paranormais, *chick lit*, terror, *cyberpunk*, *steampunk*, fantasia urbana, tragédias, comédias, eróticos, *thrillers*, *space opera*, *horse opera*, histórias de desporto, ficção militar, romances rurais… todos os géneros e subgéneros têm os seus patifes e, quase sempre, são as personagens mais celebradas e mais lembradas.

Infelizmente, nem todos esses géneros estão representados nesta antologia… mas uma parte de mim desejou que estivessem. Talvez seja o patife que há em mim, a parte que ama os tons cinzentos, mas a verdade é que não respeito muito as barreiras dos géneros. Atualmente, sou conhecido como um escritor de fantasia, mas esta não é uma antologia de fantasia… apesar de conter fantasia da boa. O meu coeditor, Gardner Dozois, editava há umas décadas uma revista de ficção científica, mas isto também não é uma antologia de ficção científica… embora traga algumas histórias do género tão boas como qualquer uma que figure nas revistas mensais.

Assim como *Warriors* e *Dangerous Women*, as nossas antologias anteriores supragénero, esta, *Histórias de Aventureiros e Patifes*, foi pensada para cruzar todas as linhas do género. O nosso tema é universal, e Gardner e eu amamos boas histórias de todos os tipos, não importa o tempo, o lugar ou o género. Então, fizemo-nos à estrada e convidá-

mos autores bem conhecidos dos mundos da fantasia épica, de espada e magia, fantasia urbana, ficção científica, românticos, *mainstream*, do mistério (leve ou *hard boiled*), *thrillers*, históricos, oeste, *noir*, terror… é só escolher. Nem todos aceitaram, mas muitos alinharam, e o resultado está aí, nas próximas páginas. Os nossos colaboradores formam uma equipa de elite com autores premiados e *bestsellers*, representando uma dúzia de editoras e géneros diferentes. Pedimos a cada um deles a mesma coisa — uma história sobre patifes, cheia de boas reviravoltas, planos ousados e reveses. Não impusemos nenhum limite de género aos nossos escritores. Alguns deles escolheram escrever no género que conheciam melhor. Outros tentaram algo diferente.

Na minha introdução a *Warriors*, a nossa primeira antologia supragénero, revelei como foi crescer nos anos 1950, em Bayonne, Nova Jérsia, uma cidade sem livrarias. Eu comprava todo o meu material de leitura em quiosques e nas «lojas de doces» de esquina, em expositores giratórios. Aquelas edições económicas nos expositores não eram separadas por género. Estava tudo ao monte, um exemplar deste, dois exemplares daquele. Era possível encontrar *Os Irmãos Karamazov* espremido entre um romance sobre enfermeiras e a última aventura de Mike Hammer, de Mickey Spillane. Dorothy Parker e Dorothy Sayers dividiam o espaço com Ralph Ellison e J. D. Salinger. Max Brand ficava ao lado de Barbara Cartland. A. E. van Vogt, P. G. Wodehouse e H. P. Lovecraft amontoavam-se com F. Scott Fitzgerald. Livros de mistério, faroeste, góticos, histórias de fantasmas, clássicos da literatura inglesa, os últimos romances «literários» contemporâneos e, claro, ficção científica, fantasia e horror — era possível encontrar de tudo naquele expositor giratório.

Eu gostava das coisas daquela forma. E ainda gosto. Mas, nas décadas seguintes (décadas de mais, temo eu), o setor editorial mudou, as cadeias de livrarias multiplicaram-se e as barreiras de género fortaleceram-se. É uma pena. Os livros deveriam ampliar a nossa visão, levar-nos a lugares onde nunca estivemos e mostrar coisas que nunca vimos, expandir os nossos horizontes e a nossa maneira de olhar o mundo. Limitar a leitura a um único género acaba com essa missão. Também nos limita, torna-nos menores. Para mim, tanto no passado como agora, parece haver boas e más histórias, e essa era e ainda é a única distinção que realmente importa.

Acreditamos que reunimos aqui algumas boas histórias. Vão encontrar patifes de todos os tamanhos, formas e cores nestas páginas, com uma grande variedade de cenários, representando uma mescla considerável de diferentes géneros e subgéneros. Mas até lerem essas histórias, não vão saber *quais* géneros e subgéneros, pois Gardner e eu, na tradição do velho expositor giratório, misturámos tudo. Esperamos que algumas das histórias sejam dos vossos autores favoritos; outras são de autores de quem nunca ouviram falar (ainda). Torcemos para que, ao terminarem *Histórias de Aventureiros e Patifes*, alguns desses desconhecidos possam passar ao grupo de favoritos.

Apreciem a leitura… mas tenham muito cuidado. Alguns dos cavalheiros e encantadoras damas destas páginas não são lá muito de confiança.

COMO O MARQUÊS RECUPEROU O SEU CASACO

NEIL GAIMAN

Tradução de Eric Novello

Neil Gaiman, um dos maiores nomes da literatura fantástica atual, ganhou quatro prémios Hugo, dois Nebula, um World Fantasy, seis Locus, quatro Stoker, três Geffens, dois Mythopoeic Fantasy e uma Medalha Newbery.

Gaiman começou por conquistar o público como criador de *Sandman*, uma das mais aclamadas séries de novelas gráficas de todos os tempos. Gaiman ainda é uma estrela no campo da banda desenhada. As suas *graphic novels* incluem *Breakthrough, Death Talks About Life, Legend of the Green Flame, The Last Temptation, Only the End of the World Again, Mirrormask* e uma grande quantidade de livros em colaboração com Dave McKean, incluindo *Orquídea Negra, Violent Cases, Signal to Noise, Mr. Punch, Os Lobos Dentro das Paredes* e *O Dia em que Troquei o Meu Pai por Dois Peixinhos Vermelhos.*

Nos últimos anos, desfrutou de sucesso equivalente nos campos da ficção científica e da fantasia, com o romance *bestseller Deuses Americanos*, vencedor dos prémios Hugo, Nebula e Bram Stoker em 2002; com *Coraline*, vencedor do Hugo e do Nebula em 2003; e com *A Study in Emerald*, vencedor do Hugo em 2004. O seu romance *The Graveyard Book* venceu o Hugo, a Medalha Newbery e a Medalha Carnegie em 2009. Também recebeu o prémio World Fantasy pela sua história com Charles Vess, *A Midsummer Night's Dream*, e o prémio International Horror Guild com a coletânea *Angels & Visitations: A Miscellany*. Outros romances de Gaiman incluem *Bons Augúrios* (escrito com Terry Pratchett), *Neverwhere — Na Terra do Nada*, *Stardust — O Mistério da Estrela Cadente* e *Os Filhos de Anansi*. Além de *Angels & Visitations*, os seus contos foram reunidos em *Smoke & Mirror: Short Fictions & Illusions*, *Adventures in the Dream Trade* e *Fragile Things*. Um filme baseado no seu romance *Stardust — O Mistério da Estrela Cadente* foi lançado em 2007 e uma animação baseada em *Coraline* estreou em 2009. Os seus trabalhos mais recentes incluem um livro ilustrado com Adam Rex, *Chu's Day*, o seu primeiro romance para adultos em muitos anos, *O Oceano no Fim do Caminho*, uma brincadeira sobre viagens no tempo para todas as idades, e, como editor, a antologia *Unnatural Creatures*.

Aqui, ele conduz-nos às profundezas do mundo surreal da Londres-de-Baixo, o cenário de seu famoso romance *Neverwhere — Na Terra do Nada*, para uma aventura que demonstra que às vezes a roupa faz o homem — literalmente.

COMO O MARQUÊS RECUPEROU O SEU CASACO

Ele era lindo. Extraordinário. Único. Era a razão de o Marquês de Carabás estar acorrentado a um mastro no meio de uma sala circular, nas profundezas do subsolo, enquanto o nível da água subia cada vez mais, lentamente. Tinha trinta bolsos, sete dos quais eram óbvios, dezanove escondidos e quatro mais ou menos impossíveis de encontrar — até mesmo, em algumas ocasiões, para o próprio Marquês.

Tinha sido oferecido (voltaremos mais adiante ao poste, à sala e à água a subir), — embora «oferecido» possa ser considerado um exagero infeliz, mesmo que justificado — com uma lente de aumento pela própria Victoria. Era um artefacto maravilhoso: ornamentado, dourado, com uma corrente e minúsculos querubins e gárgulas, e a lente tinha a propriedade incomum de tornar transparente qualquer coisa que se observasse através dela. O Marquês não sabia onde Victoria a tinha obtido, antes de lhe furtar a lupa para compensar um pagamento que, em sua opinião, não era exatamente o que havia sido acordado. Afinal, só havia um Elefante, e obter o seu diário não tinha sido fácil, assim como não fora fácil escapar ao Elefante e ao Castelo depois de tê-lo obtido. O Marquês tinha guardado a lupa de Victoria num dos quatro bolsos que quase não estavam lá e nunca mais conseguira encontrá-la.

Além dos seus bolsos incomuns, possuía mangas magníficas, uma

gola imponente e uma fenda nas costas. Era feito de uma espécie de couro, tinha a cor de uma rua molhada à meia-noite e, mais importante do que qualquer uma dessas coisas, tinha estilo.

Há quem diga que a roupa faz o homem, mas essas pessoas estão quase sempre enganadas. Entretanto, seria verdade dizer que, quando o rapaz que se tornaria o Marquês vestiu esse casaco pela primeira vez e se olhou ao espelho, ele levantou-se mais ereto e sua postura mudou porque sabia, ao ver o seu reflexo, que o tipo de pessoa que vestia um casaco como aquele não era um mero rapaz, não era um simples ladrão furtivo e negociador de favores. O rapaz ao vestir o casaco, na época grande de mais para ele, sorriu ao olhar para o seu reflexo no espelho e lembrou-se de uma ilustração de um livro que tinha visto, de um gato de um moleiro de pé sobre as patas traseiras. Um gato confiante com um casaco elegante e botas grandes e altivas. E deu um nome a si próprio.

Um casaco destes, sabia ele, era o tipo de casaco que só poderia ser usado pelo Marquês de Carabás. Nunca teve a certeza, nem naquela época nem depois, de como pronunciar Marquês de Carabás. Nuns dias ele pronunciava o nome de uma forma, noutros dias de outra.

O nível da água tinha chegado aos seus joelhos e ele pensou: *Isto nunca teria acontecido se eu ainda tivesse o meu casaco*.

Era o dia do mercado após a pior semana da vida do Marquês de Carabás e não parecia que as coisas fossem melhorar. Por outro lado, não estava mais morto, e o corte na sua garganta sarava rapidamente. Havia inclusive uma rouquidão na sua garganta que achou bastante atraente. Esses eram, sem dúvida, pontos positivos.

Com certeza também haveria desvantagens em se estar morto, ou, pelo menos, em ter sido morto há pouco tempo, e perder o casaco era a pior delas.

A tribo do esgoto não ajudou.

— Vendeste o meu cadáver — disse o Marquês. — Essas coisas acontecem. Também vendeste os meus bens. Quero-os de volta. Pago por eles.

Dunnikin, da Tribo do Esgoto, encolheu os ombros.

— Vendi-os — disse ele. — Assim como te vendemos. Não se pode voltar a ter o que se vendeu. Não é um bom negócio.

— Estamos a falar — retrucou o Marquês de Carabás — do meu casaco. E pretendo recuperá-lo, seja de que forma for.

Dunnikin voltou a encolher os ombros.

— A quem é que o vendeste? — perguntou o Marquês.

O habitante dos esgotos não respondeu. Agiu como se nem tivesse ouvido a pergunta.

— Posso arranjar-te perfumes — ofereceu o Marquês, disfarçando a sua irritação com toda a brandura que conseguiu. — Perfumes gloriosos, magníficos, odoríferos. Sabes bem que os queres.

Dunnikin encarou o Marquês com uma expressão impassível. Passou então os dedos pela garganta. Em termos de gestos, refletiu o Marquês, aquele tinha sido de um terrível mau gosto. Ainda assim, teve o efeito desejado. Parou de fazer perguntas: dali não viriam respostas.

O Marquês caminhou até à praça de alimentação. Naquela noite, a Galeria Tate recebia o Mercado Flutuante. A praça de alimentação fora instalada na Sala Pré-Rafaelita e já tinha sido praticamente desmontada. Quase não havia tendas abertas: apenas um homenzinho de aparência triste a vender uma espécie de linguiça e, na esquina, sob uma pintura de Burne-Jones com donzelas em robes translúcidos a descer uma escada, havia alguns representantes do Povo Cogumelo, com alguns bancos, mesas e uma churrasqueira. O Marquês já havia comido uma das linguiças do homem tristonho, e tinha uma política inflexível de nunca cometer de propósito o mesmo erro duas vezes, e então caminhou até à tenda do Povo Cogumelo.

Havia três pessoas Cogumelo a cuidar da tenda, dois rapazes e uma rapariga. Cheiravam a humidade. Vestiam velhos casacos grossos de lã e jaquetas militares, e espiavam por baixo dos seus cabelos desgrenhados como se a luz lhes ferisse os olhos.

— O que é que estão a vender? — perguntou ele.

— Cogumelos. Cogumelos em torrada. Cogumelos crus.

— Quero cogumelos em torrada — disse ele, e um deles, a jovem magra e pálida com cara de papas de aveia velhas, cortou uma fatia de cogumelo bola do tamanho do cepo de uma árvore. — E quero bem cozido, por completo — acrescentou.

— Sê corajoso. Come-o cru — disse a rapariga. — Junta-te a nós.

— Já tive os meus contactos com o Cogumelo — disse o Marquês. — Chegámos a um entendimento.

A mulher colocou a fatia de cogumelo bola sob a churrasqueira portátil.

Um dos jovens, alto, de ombros arqueados, com o seu casaco grosso que cheirava a porões antigos, debruçou-se sobre o Marquês e encheu-lhe o copo com chá de cogumelo. Inclinou-se para a frente e o Marquês pôde ver a pequena plantação de cogumelos pálidos a projetar-se como espinhas da sua bochecha.

— És o de Carabás? O arranja-tudo?

O Marquês não pensava em si mesmo como um arranja-tudo. Mas respondeu:

— Sou.

— Ouvi dizer que andas à procura do teu casaco. Eu estava lá quando a Tribo do Esgoto o vendeu. Foi no início do último mercado, foi sim. Em Belfast. Eu vi quem o comprou.

O pelo na nuca do Marquês eriçou-se.

— E o que queres pela informação?

O rapaz Cogumelo lambeu os lábios com uma língua com líquenes.

— Há uma miúda de quem eu gosto que não fala comigo nem para dizer as horas.

— Uma miúda Cogumelo?

— Quem me dera ter essa sorte. Se estivéssemos unidos no amor e no corpo do cogumelo, eu não teria de me preocupar. Não. Ela faz parte da Corte dos Corvos. Mas come aqui de vez em quando. E nós conversamos. Tal como tu e eu estamos agora a conversar.

O Marquês não sorriu de pena, nem se retraiu. Mal ergueu uma sobrancelha. — E ainda assim ela não retribuiu a tua paixão. Que estranho. O que é que queres que eu faça?

O jovem enfiou a mão cinza no bolso de seu longo casaco grosso de lã. Puxou um envelope dentro de um saco plástico transparente de sanduíche.

— Escrevi-lhe uma carta. É mais um poema, a bem dizer, embora eu não seja exatamente um poeta. Para contar como me sinto em relação a ela. Mas não sei se ela a leria se eu entregasse. Então vi-te e pensei que, se fosses tu a entregá-la, com as tuas palavras finas e floreados extravagantes… — Parou.

— Achaste que ela leria e ficaria mais inclinada a ouvir o teu terno pedido.

O jovem olhou para baixo, para seu casaco grosso, com uma expressão intrigada.

— Eu não tenho um fato — disse ele. — Só isto que trago vestido.

O Marquês tentou não suspirar. A rapariga Cogumelo colocou um prato de plástico rachado à frente dele, com uma fatia fumegante de cogumelo grelhado.

Ele mexeu cuidadosamente no cogumelo, certificando-se de que estava totalmente cozido e de que não havia esporos ativos. O seguro morreu de velho, e o Marquês gostava de mais de si mesmo para pensar numa simbiose.

Estava saboroso. Mastigou e engoliu, apesar de a comida lhe arranhar a garganta.

— Então, tudo que queres que eu faça é garantir que ela leia a tua declaração ardente?

— Queres dizer, a minha carta? O meu poema?

— Isso.

— Bem, sim. E quero que estejas junto dela, para garantir que não a deita fora sem ler, e quero que me tragas a resposta dela. — O Marquês olhou para o jovem. Podia ver que ele tinha pequenos cogumelos a brotar do pescoço e das faces, o seu cabelo era pesado e sujo e havia nele um leve cheiro de lugares abandonados, mas também era verdade que atrás da franja espessa os seus olhos eram de um azul claro e intenso, e ele era alto e quase atraente. O Marquês imaginou-o depois de um banho e limpo e, de alguma forma, menos fúngico, e aprovou. — Ponho a carta na embalagem de sanduíche para ela não ficar húmida no caminho.

— Muito sábio. Agora, diz-me: quem é que comprou o meu casaco?

— Ainda não, apressadinho. Não me perguntaste quem é o meu verdadeiro amor. O nome dela é Drusilla. Vais reconhecê-la porque é a mulher mais bonita de toda a Corte dos Corvos.

— A beleza está tradicionalmente nos olhos de quem a vê. Preciso de mais informações.

— Já disse. O nome dela é Drusilla. Só há uma. Tem uma marca de nascença grande e vermelha nas costas da mão que parece uma estrela.

— Parece um par romântico improvável. Um dos rapazes Cogumelo apaixonado por uma dama da Corte dos Corvos. O que te faz pensar que ela vai abrir mão da vida dela pelas tuas caves húmidas e pelas tuas diversões com fungos?

O jovem encolheu os ombros.

— Ela vai amar-me — garantiu — depois de ler o meu poema.

Ele torceu a haste de um pequeno cogumelo guarda-chuva que crescia na sua face direita e, quando caiu na mesa, pegou-lhe e continuou a torcê-lo entre os dedos.

— Estamos de acordo?

— De acordo.

— O tipo que comprou o teu casaco carregava um cajado — revelou o jovem Cogumelo.

— Há um monte de gente com cajados — disse o Marquês.

— Este era curvo na parte de cima — disse o jovem Cogumelo. — Ele era um bocado parecido com um sapo. Baixinho. Bem gordo. Cabelo da cor de cascalho. Precisava de um casaco e gostou do teu.

Enfiou o cogumelo guarda-chuva na boca.

— Informação útil. Com certeza transmitirei a tua paixão e felicitações à bela Drusilla — disse o Marquês de Carabás com um otimismo que definitivamente não sentia.

De Carabás esticou-se sobre a mesa, pegou no saco de sanduíche com o envelope que estava nas mãos do jovem e colocou-o num dos bolsos costurados dentro da sua camisa.

E então foi embora, a pensar num homem que segurava um cajado.

O Marquês de Carabás usava uma manta para substituir o seu casaco. Vestia-se enrolada como se fosse um poncho vindo do próprio Inferno. Aquilo não o fazia feliz. Desejava que fosse o seu casaco. Penas bonitas não fazem pássaros bonitos, sussurrou uma voz no fundo de sua mente, algo que alguém lhe tinha dito quando menino: suspeitava que fosse a voz do irmão e fez o possível para esquecer que algum dia a tivesse ouvido.

Um cajado: o homem que tinha levado o seu casaco da Tribo do Esgoto carregava um cajado.

Refletiu.

O Marquês de Carabás gostava de ser quem era e, quando assumia riscos, gostava que fossem riscos calculados, além de ser do tipo que conferia esses cálculos duas e, depois, três vezes.

Verificou os seus cálculos pela quarta vez.

O Marquês de Carabás não confiava nas pessoas. Era mau para

o negócio e podia abrir um precedente infeliz. Não confiava nos seus amigos nem em amantes ocasionais, e não confiava de maneira nenhuma nos seus empregadores. Confiava exclusivamente no Marquês de Carabás, uma figura imponente num casaco imponente, capaz de superar todos no discurso, no pensamento e no planeamento.

Havia apenas duas classes de pessoas que transportavam cajados: bispos e pastores.

No Portão dos Bispos, os cajados eram decorativos, sem função, puramente simbólicos. E os bispos não precisavam de casacos. Afinal, tinham túnicas; boas túnicas, brancas e ao estilo deles.

O Marquês não tinha medo dos bispos. Sabia que a Tribo do Esgoto não tinha medo dos bispos. Os habitantes do Arbusto do Pastor, porém, eram outra história. Mesmo vestindo o seu casaco e no seu melhor momento, no auge da sua saúde e com um pequeno exército sob o seu comando, o Marquês não gostaria de enfrentar os pastores.

Refletiu sobre a possibilidade de visitar o Portão dos Bispos e de gastar alguns dias agradáveis a certificar-se de que o seu casaco não se encontrava lá.

Então suspirou de maneira dramática e foi para o Recinto dos Guias, à procura de um guia vinculado que pudesse ser persuadido a levá-lo ao Arbusto do Pastor.

A sua guia era bastante baixinha, com o cabelo louro curto. De início, o Marquês pensou que fosse adolescente, até viajar com ela metade de um dia e perceber que já teria os seus vinte e poucos anos. Havia falado com meia dúzia de guias antes de encontrá-la. O nome dela era Knibbs e tinha parecido confiante, e ele precisava de confiança. Indicou-lhe os dois lugares onde pretendia ir e partiram do Recinto dos Guias.

— Então, para onde quer ir primeiro? — perguntou ela. — Ao Arbusto do Pastor ou à Corte dos Corvos?

— A visita à Corte dos Corvos é uma formalidade, só para entregar uma carta. Para alguém chamada Drusilla.

— Uma carta de amor?

— Acredito que sim. Porque é que queres saber?

— Ouvi dizer que a bela Drusilla é perversamente bonita e tem o péssimo hábito de transformar aqueles que a desagradam em aves de rapina. Deve amá-la muito para lhe escrever cartas.

— Lamento, mas nunca conheci essa jovem — disse o Marquês. — A carta não é minha. E não importa qual visitaremos primeiro.

— Sabe… — disse Knibbs, pensativa. — Considerando a possibilidade de algo terrivelmente infeliz lhe acontecer quando encontrar os pastores, devíamos passar primeiro na Corte dos Corvos. Assim, a bela Drusilla recebe a carta dela. Atenção, não estou a dizer que vá acontecer-lhe algo terrível. Mas o seguro morreu de velho.

O Marquês de Carabás olhou para baixo, para sua silhueta coberta. Estava indeciso. Sabia que, se estivesse a usar o seu casaco, não estaria indeciso: saberia exatamente o que fazer. Olhou para a rapariga e evocou o sorriso mais convincente possível.

— Então vamos para a Corte dos Corvos — disse.

Knibbs assentiu e pôs-se a caminho, seguida pelo Marquês.

Os caminho da Londres-de-Baixo não eram os caminhos da Londres-de-Cima; dependiam em grande parte de coisas como crença, opinião e tradição, tanto quanto das realidades dos mapas.

De Carabás e Knibbs eram duas pequenas silhuetas a caminhar por um túnel alto e abobadado esculpido em pedra branca e antiga. Os seus passos faziam eco.

— É o de Carabás, certo? — perguntou Knibbs. — É famoso. Sabe como chegar aos lugares. Para que é que precisa mesmo de uma guia?

— Duas cabeças são melhores do que uma — respondeu ele. — E também dois pares de olhos.

— Costumava usar um casaco elegante, certo? — disse ela.

— Costumava, sim.

— O que é que feito dele?

Ele não respondeu. E por fim disse:

— Mudei de ideias. Vamos primeiro ao Arbusto do Pastor.

— É justo — disse a guia. — É fácil levá-lo tanto a um lugar quanto a outro. Espero por si no posto comercial dos arbustos, do lado de fora, se não se importar.

— Menina esperta.

— Meu nome é Knibbs — retrucou ela. — E não menina. Quer saber por que me tornei guia? É uma história interessante.

— Não muito — disse o Marquês de Carabás. Ele não estava propriamente para conversas, e a guia estava a ser bem recompensada pelo seu esforço. — Porque é que não tentamos avançar em silêncio?

Knibbs assentiu e não disse nada até chegarem ao fim do túnel, permanecendo em silêncio enquanto desciam alguns degraus metálicos presos na lateral de um muro. Só quando alcançaram as margens do Mortlake, o vasto Lago dos Mortos subterrâneo, e depois de acender uma vela na beira para chamar um barqueiro, é que voltou a falar.

— O importante para ser um verdadeiro guia é ser vinculado. Assim, as pessoas sabem que não vão ser mal orientadas — explicou Knibbs.

O Marquês limitou-se a grunhir. Estava a pensar no que dizer aos pastores no posto comercial, a tentar rotas alternativas por entre possibilidades e probabilidades. Não tinha nada que os pastores pudessem querer, esse era o problema.

— Se se conduzir as pessoas da maneira errada, nunca mais se trabalha como guia — continuou Knibbs alegremente. — Por isso somos vinculados.

— Eu sei — disse o Marquês. Ela era uma guia das mais irritantes, pensou. Duas cabeças só são melhores do que uma se a outra cabeça aguentar a boca fechada e não começar contar coisas que ele já sabia.

— Eu fui vinculada na Rua dos Vínculos.

Ela bateu na pequena corrente em volta do pulso.

— Não vejo o barqueiro — disse o Marquês.

— Deve estar a chegar. Olhe naquela direção e grita quando o vires. Vou procurar por ali. De uma maneira ou outra, vamos encontrá-lo.

Eles fitaram as águas negras do Tyburn.

— Antes de ser uma guia, quando era pequena, fui treinada pelo meu povo — Knibbs retomou sua história. — Disseram que era a única forma de satisfazer a honra.

O Marquês virou-se para fitá-la. Segurava a vela à altura dos olhos. «Está tudo fora do lugar», pensou o Marquês, e percebeu que deveria estar a prestar-lhe atenção desde o começo. «Está tudo errado.»

— Quem é o teu povo, Knibbs? De onde és?

— De um lugar onde o Marquês já não é bem-vindo — respondeu a rapariga. — Nasci e fui criada para dar a minha fidelidade e lealdade ao Elefante e ao Castelo.

Algo duro atingiu-o na nuca, acertou-lhe como um golpe de martelo, e relâmpagos pulsaram na escuridão da sua mente enquanto ele caía no chão.

* * *

O Marquês de Carabás não conseguia mover os braços. Eles estavam, percebeu, presos atrás dele. Encontrava-se deitado de lado.

Tinha desmaiado. Se as pessoas que haviam feito isto com ele pensavam que ainda estava inconsciente, então não faria nada para que mudassem de ideias, decidiu. Deixou os olhos abrirem a mais fina fresta, para espiar o mundo.

— Ah, não seja tonto, de Carabás — disse uma voz profunda e rouca. — Não acredito que ainda esteja desmaiado. Tenho orelhas grandes. Posso ouvir as batidas do seu coração. Abra bem os olhos, seu fuinha. Encare-me como um homem.

O Marquês reconheceu a voz e quis estar enganado. Abriu os olhos. Encarava pernas, pernas humanas de pés descalços. Os dedos eram achatados e pressionados uns contra os outros. As pernas e os pés eram da cor de teca. Conhecia aquelas pernas. Não se enganara.

A sua mente dividiu-se: uma pequena parte dava-lhe um sermão sobre a sua falta de atenção e tolice. Knibbs havia-lhe *contado*, perto do Templo e do Arco: só que não lhe dera ouvidos. Mas, mesmo enquanto se enfurecia com a sua própria estupidez, o resto de sua mente assumiu o comando e forçou um sorriso.

— Ora, mas é uma honra — respondeu. — Não precisava de se dar ao trabalho de se encontrar comigo assim. Pois a mera noção de que Vossa Preeminência teria o mais ínfimo desejo de me ver teria…

— Feito com que corresse na direção contrária, o mais rápido que as suas pernas de espiga pudessem aguentar — disse o indivíduo com as pernas cor de teca. Esticou o seu tronco, que era longo e flexível, de uma cor azul-esverdeada e pendia até os tornozelos, e empurrou o Marquês, derrubando-o de costas.

O Marquês começou a esfregar devagar os pulsos atados contra o cimento por baixo dele enquanto dizia:

— Nem pensar. Muito pelo contrário. Não há palavras que descrevam o meu enorme prazer por estar diante da sua presença paquidérmica. Posso sugerir que me desamarre e permita-me cumprimentá-lo de homem para… de homem para Elefante?

— Não me parece, considerando todo o trabalho que tive para fazer

isto acontecer — disse o outro. Ele tinha a cabeça de um elefante cinza-esverdeado. As suas presas eram afiadas e manchadas de castanho-avermelhado nas pontas. — Sabe, quando descobri o que tinha feito, jurei que o faria gritar e implorar por misericórdia. E jurei que diria não, que não seria misericordioso quando implorasse.

— Poderia antes dizer sim — propôs o Marquês.

— Não poderia dizer sim. Abuso de hospitalidade — retrucou o Elefante. — Nunca esqueço.

O Marquês tinha sido contratado para levar o diário do Elefante a Victoria, quando ele e o mundo eram muito mais novos. O Elefante comandava o seu feudo de modo arrogante, às vezes de forma violenta e sem sensibilidade ou humor, e o Marquês havia pensado que ele era estúpido. Achara, inclusive, que o Elefante não conseguiria de jeito algum identificar o seu papel no desaparecimento do diário. Isso ocorrera há já muito tempo, contudo, quando o Marquês era jovem e tolo.

— Tantos anos a treinar uma guia para me trair contando apenas com a possibilidade de eu aparecer e contratá-la — disse o Marquês. — Não é uma reação exagerada?

— Não, se me conhecer — respondeu o Elefante. — Se me conhecer, é muito branda. Também fiz um monte de outras coisas para encontrá-lo.

O Marquês tentou sentar-se. O Elefante empurrou-o de volta para o chão com um pé descalço.

— Implore por misericórdia — disse o Elefante.

Essa era fácil.

— Misericórdia! — disse o Marquês. — Eu imploro! Suplico! Seja misericordioso, a melhor de todas as dádivas. É condizente consigo, poderoso Elefante, como senhor do seu próprio domínio, ser misericordioso com aquele que não é nem mesmo adequado para limpar o pó dos seus excelentes dedos dos pés…

— Tem noção — reagiu o Elefante — de que tudo o que diz soa a sarcasmo?

— Não sabia. Peço desculpas. Fui sincero em cada palavra.

— Grite — disse o Elefante.

O Marquês de Carabás gritou bem alto e por muito tempo. É difícil gritar quando a garganta foi cortada recentemente, mas gritou com toda a força e tristeza possíveis.

— Até a gritar é sarcástico — reclamou o Elefante.

Um grande cano preto de ferro fundido projetava-se da parede. Uma roda instalada no cano permitia que o que quer que saísse de lá fosse ligado e desligado. O Elefante rodou-a com braços poderosos e surgiu um fio de lodo escuro, seguido por um jato de água.

— Água dos esgotos — revelou o Elefante. — Ora bem, é assim: eu faço os meus trabalhos de casa. Você aguenta a vida bem escondida, de Carabás. Tem conseguido isso todos estes anos, desde que os nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez. Não fazia sequer sentido tentar algo enquanto levasse a sua vida noutro lugar. Eu tenho gente em toda a Londres-de-Baixo: pessoas com quem comeu, com quem dormiu ou riu, ou com quem acabou nu na torre do Big Ben, mas nunca fez sentido levar isso adiante, não enquanto a sua vida estivesse cuidadosamente protegida, fora de risco. Até à semana passada, quando os rumores sob as ruas diziam que a sua vida estava exposta, vulnerável. Foi então que espalhei que daria a liberdade do Castelo à primeira pessoa que me deixasse ver…

— … a gritar por misericórdia — avançou de Carabás. — Foi o que disse.

— Interrompeu-me — disse o Elefante, compassivo. — Eu ia dizer que daria a liberdade do Castelo à primeira pessoa que me deixasse ver o seu cadáver.

Abriu completamente a roda e o esguicho de água tornou-se num jorro.

— Devo alertá-lo. Existe — avisou de Carabás — uma maldição para qualquer um que me matar.

— Eu aceito a maldição — respondeu o Elefante. — Apesar de ser provável que esteja a inventar. Vai gostar da próxima parte. A sala enche-se de água e vai afogar-se. Aí eu deixo a água sair, entro e rio-me um bocado. — Ele emitiu um som de trombeta que, refletiu de Carabás, poderia parecer uma gargalhada caso se fosse um elefante.

O Elefante saiu do campo de visão de Carabás.

O Marquês ouviu a porta bater. Estava deitado numa poça. Contorceu-se e continuou a contorcer-se até conseguir pôr-se de pé. Olhou para baixo: tinha uma argola metálica no tornozelo, acorrentada a um poste de metal no centro da sala.

Gostaria de estar a usar o seu casaco: tinha lá lâminas, gazuas, botões que não eram tão inocentes e decorativos quanto pareciam. Esfregou a

corda que lhe atava os pulsos ao poste de metal, na esperança de desgastá-la, sentindo a pele dos pulsos e das palmas das mãos a arranhar enquanto a corda absorvia a água e se apertava mais e mais. O nível da água continuava a subir: já estava acima da cintura.

De Carabás olhou em redor pela câmara circular. Tudo o que precisava de fazer era soltar-se das amarras que lhe prendiam os pulsos — obviamente soltando-se do poste ao qual estava amarrado — e então poderia libertar as argolas dos tornozelos, desligar a água, sair da sala, evitar o Elefante incentivado pela vingança e qualquer um dos seus inúmeros capangas e fugir.

Puxou o poste. O poste não se mexeu. Puxou com mais força. Continuou sem se mover.

Deixou-se cair contra o poste e pensou na morte, a verdadeira morte final, e pensou no seu casaco.

Uma voz sussurrou ao seu ouvido:

— Silêncio!

Algo puxou os seus pulsos e as amarras caíram. Só quando recuperou a sensibilidade nos punhos é que percebeu o quão apertado fora amarrado. Virou-se.

— O quê?

O rosto que encontrou era tão familiar quanto o seu. O sorriso era devastador; os olhos, inocentes e aventureiros.

— Tornozelo — disse o homem, com um novo sorriso mais devastador do que o anterior.

O Marquês de Carabás não estava devastado. Ergueu a perna e o homem baixou-se, fez algo com um pedaço de arame e removeu a argola da perna.

— Ouvi dizer que estavas com um probleminha — disse o homem. A sua pele era tão escura quanto a do Marquês. Devia ter uns três centímetros a mais do que de Carabás, mas agia como se fosse muito mais alto do que qualquer pessoa que viesse a conhecer.

— Não. Sem problemas. Estou ótimo — disse o Marquês.

— Não estás. Acabei de salvar-te.

De Carabás ignorou-o.

— Onde está o Elefante?

— Do outro lado daquela porta, com um monte de capangas. As portas trancam-se automaticamente quando o salão se enche de água.

Ele precisava de ter certeza de que não ficaria preso aqui contigo. Eu estava a contar com isso.

— A contar com isso?

— É claro. Há horas que vos sigo. Desde que soube que tinhas ido embora com um dos traidores plantados pelo Elefante. Pensei, «péssima ideia», a sério que pensei. Ele vai precisar de ajuda.

— Ouviste…?

— Escuta — disse o homem que se parecia um pouco com o Marquês de Carabás, que era um pouco mais alto, e talvez algumas pessoas (não o Marquês, obviamente) achassem ter um corte de cabelo melhor. — Não pensaste que ia deixar acontecer alguma coisa ao meu irmãozinho, não é?

Eles estavam com água acima da cintura.

— Eu estava bem — falou de Carabás. — Tinha tudo sob controlo.

O homem caminhou até à parte mais distante da sala. Ajoelhou-se, afundou na água e depois tirou da sua mochila algo que parecia uma pequena alavanca. Enfiou uma ponta abaixo da superfície da água.

— Prepara-te — disse. — Acho que este deve ser o nosso caminho mais rápido para fora daqui.

O Marquês ainda flexionava os seus dedos com cãibras e formigueiro, tentando devolvê-los à vida.

— O que é isso? — perguntou, tentando soar desinteressado.

— Lá vamos nós — respondeu o homem, e puxou um grande quadrado de metal. — É o ralo.

De Carabás não teve oportunidade de protestar enquanto o irmão lhe pegava e o lançava num buraco no chão.

«Provavelmente», pensou de Carabás, «há passeios assim em parques de diversões». Ele podia imaginá-los. As pessoas do mundo de cima pagariam bom dinheiro para fazer este passeio se tivessem a certeza de que iriam sobreviver.

Caiu através de tubos, arrastado pelo fluxo de água, sempre descendo mais e mais fundo. Não tinha certeza de que iria sobreviver, e não estava a divertir-se.

O corpo do Marquês foi esmurrado e sovado enquanto cavalgava pela água dentro do cano, até ser despejado de bruços numa grande grade metálica, que parecia mal conseguir aguentar o seu peso. Arrastou-se para fora da grade, deitou-se no chão de pedra ao lado dela e estremeceu.

Escutou um tipo improvável de ruído, e foi imediatamente seguido pelo irmão, que disparou pelo cano e aterrou de pé, como se tivesse prática nisso. Ele sorriu.

— Divertido, não?

— Na verdade, não — disse o Marquês de Carabás. E então teve de perguntar. — Estavas a dizer «Iupi!»?

— É claro! Tu não? — perguntou o irmão.

De Carabás levantou-se, algo desequilibrado.

— Como é que te chamas hoje em dia?

— A mesma coisa. Eu não mudo.

— Peregrino, não é o teu verdadeiro nome — frisou de Carabás.

— Dá para o gasto. Marca o meu território e as minhas intenções. Então, ainda continuas a chamar-te de Marquês? — perguntou o Peregrino.

— Continuo, sou o Marquês porque digo que sou — respondeu o Marquês. Tinha certeza de que, no momento, parecia um rato molhado, e certamente soou pouco convincente. Sentiu-se pequeno e tolo.

— Tu é que sabes. De qualquer modo, vou-me embora. Já não precisas de mim. Mantém-te longe dos problemas. A sério, não precisas de me agradecer — O irmão foi sincero, é claro. Isso foi o que mais doeu.

O Marquês de Carabás odiou-se a si próprio. Não queria dizer aquilo, mas agora tinha de o fazer.

— Obrigado, Peregrino.

— Ah! — disse o Peregrino. — O teu casaco. Nas ruas dizem que apareceu no Arbusto do Pastor. É tudo o que sei. Então: conselho. Considera-o o mais sincero possível. Sei que não gostas de conselhos. Mas, sobre o casaco? Deixa lá. Esquece-o. É melhor arranjares um novo casaco. A sério.

— Então está bem — disse o Marquês.

— Bom — respondeu o Peregrino, que sorriu e se sacudiu como um cão, lançando água para todos os lados, antes de deslizar pelas sombras e partir.

O Marquês de Carabás permaneceu ali, parado e a pingar tristemente.

Tinha pouco tempo antes de o Elefante descobrir a falta de água na sala, e a falta de um corpo, e vir atrás dele.

Verificou o bolso da camisa: o saco da sanduíche estava lá, e o envelope parecia seguro e seco no interior.

Por um momento, questionou-se sobre algo que o incomodava desde o mercado. Porque é que o rapaz Cogumelo haveria de pedir-lhe a ele, de Carabás, para entregar uma carta à bela Drusilla? E que tipo de carta poderia convencer um membro da Corte dos Corvos, e ainda por cima com uma estrela na mão, a desistir da sua vida na corte e amar alguém do Povo Cogumelo?

Ocorreu-lhe algo. Não era uma ideia agradável, mas foi varrida por problemas mais imediatos. Poderia esconder-se: manter-se ao largo por uns tempos. Acabaria por passar. Mas não esquecia o casaco. Fora resgatado — resgatado! — pelo irmão, algo que nunca aconteceria em circunstâncias normais. Poderia arranjar um novo casaco. Claro que sim. Mas nunca seria o *seu* casaco.

Um pastor andava com o seu casaco.

O Marquês de Carabás tinha sempre um plano, e tinha sempre um plano B; e, detrás desses planos, tinha sempre um plano real, um que não permitiria nem a ele próprio saber, para quando o plano original e o plano B fracassassem.

Agora, e doía-lhe ter de admitir, não tinha qualquer plano. Nem sequer um plano normal, entediante e óbvio que pudesse abandonar assim que as coisas se complicassem. Só tinha um desejo, que o impulsionava, como a necessidade de alimento, amor ou segurança impulsionava aqueles que o Marquês considerava pessoas menores.

Não tinha qualquer plano. Só queria o seu casaco de volta.

O Marquês de Carabás começou a caminhar. Levava no bolso um envelope com um poema de amor, estava enroscado numa manta encharcada e odiava o facto de ter sido resgatado pelo irmão.

Quando uma pessoa se cria sozinha, necessita de algum tipo de modelo, algo para seguir o exemplo ou ser o seu ponto de partida — todas as coisas que se quer ser, ou intencionalmente não se quer ser.

Em miúdo, o Marquês sabia quem não queria ser. Definitivamente não queria ser como o Peregrino. Não queria ser como ninguém. Queria, em vez disso, ser elegante, elusivo, brilhante e, acima de todas as coisas, queria ser único.

Assim como o Peregrino.

* * *

A questão era esta: havia um antigo pastor em fuga que ele ajudara a cruzar o rio Tyburn e a chegar à liberdade, e a uma pequena mas feliz vida como artista para a Legião Romana que lá aguardava, ao lado do rio, por ordens que nunca viriam. O antigo pastor dissera-lhe que os pastores nunca o *obrigavam* a fazer nada. Eles simplesmente pegavam nos impulsos e desejos naturais das pessoas e estimulavam-nos, reforçavam-nos, até que se agisse naturalmente, mas da forma que eles queriam.

Lembrou-se disso e logo se esqueceu, porque estava assustado por se encontrar sozinho.

Só nesse momento o Marquês entendeu o quanto estava assustado por estar sozinho, e ficou surpreso ao notar o quão feliz se sentiu ao ver diversas outras pessoas a caminhar na mesma direção do que ele.

— Estou feliz que aqui esteja — referiu um deles.

— Estou feliz que aqui esteja — disse outro.

— Também estou feliz por estar aqui — respondeu de Carabás. Para onde se dirigia? Para onde se dirigiam eles? Era tão bom que todos estivessem a viajar juntos na mesma direção. Havia segurança na multidão.

— É bom ter companhia — disse uma mulher branca e magra, com uma espécie de suspiro feliz. E era mesmo.

— É bom ter companhia — repetiu o Marquês.

— De facto é. É bom ter companhia — disse o seu vizinho do outro lado. Havia algo de familiar naquela pessoa. Tinha orelhas enormes, como leques, e um nariz como uma grossa cobra verde-acinzentada. O Marquês começou a questionar-se se já se teria cruzado antes com aquela pessoa, e tentava lembrar-se exatamente onde, quando um homem com um cajado grande com a ponta curva tocou gentilmente no seu ombro.

— Nunca queremos sair da linha, não é mesmo? — disse o homem, com sensatez, e o Marquês pensou, «É claro que não», e acelerou um pouco e entrou de novo no ritmo.

— Isso é bom. Estar fora da linha é estar fora de si — disse o homem com o cajado, e seguiu adiante.

— Fora da linha é fora de si — repetiu o Marquês em voz alta, perguntando-se como poderia estar alheado de algo tão óbvio, tão básico. Havia uma pequena parte dele, num lugar distante, que se interrogava quanto ao verdadeiro significado daquilo.

Chegaram ao lugar para onde se dirigiam, e foi bom estar entre amigos.

O tempo passava de modo estranho naquele lugar, mas logo o Marquês e o seu companheiro com o rosto verde-acinzentado e o longo nariz receberam trabalho para fazer, um verdadeiro trabalho que era o seguinte: livrarem-se dos membros do rebanho que não podiam mais avançar ou servir, depois de tudo o que pudesse ser útil ter sido removido e reutilizado. Removiam as últimas partes que sobravam, pelo e gordura de sebo e arrastavam-nos para o poço, onde largavam os restos. Os turnos eram longos e cansativos, e o trabalho complicado, mas os dois empenhavam-se juntos e continuavam em sincronia.

Já há vários dias que trabalhavam orgulhosamente em conjunto quando o Marquês notou algo irritante. Alguém parecia estar a tentar atrair a sua atenção.

— Eu segui-te — sussurrou o estranho. — Sei que não querias que o fizesse, mas, bem, a necessidade falou mais alto.

O Marquês não sabia ao que o estranho se referia.

— Tenho um plano de fuga, assim que conseguir acordá-lo — disse o estranho. — Acorde, por favor.

O Marquês estava acordado. Apercebeu-se de novo de que não entendia ao que se referia o estranho. Porque é que o homem pensava que ele estava a dormir? O Marquês poderia ter dito algo, mas tinha trabalho a fazer. Ponderou no assunto, enquanto desmembrava mais um antigo integrante do rebanho, até decidir que havia algo que poderia dizer para explicar o motivo de o estranho irritá-lo. E disse isso alto.

— É bom trabalhar — declarou o Marquês.

O seu amigo de nariz longo e flexível e orelhas enormes assentiu com a cabeça perante aquela afirmação.

Eles continuaram a trabalhar. Ao fim de algum tempo, o seu amigo puxou o que restava de alguns antigos elementos do rebanho para junto do poço e empurrou-os todos lá para dentro. O poço era bem fundo.

O Marquês tentou ignorar o estranho, que agora estava de pé atrás dele. Ficou bastante incomodado quando sentiu algo a cobrir sua boca e as suas mãos a serem atadas atrás das costas. Não tinha a certeza do que deveria fazer. Isso fez com que se sentisse desalinhado do rebanho, e teria reclamado, teria chamado o seu amigo, mas os seus lábios agora estavam colados e era incapaz de fazer mais do que ruídos ineficazes.

— Sou eu — sussurrou a voz atrás dele, desesperada —, o Peregrino. O teu irmão. Foste capturado pelos pastores. Temos de te tirar daqui. — E então: — Uh-uh.

Um barulho no ar, como algo a latir. O som aproximou-se: um latido alto que, de repente, se transformou num uivo triunfante e que obteve como resposta uivos semelhantes em redor deles.

— Onde está o seu companheiro de rebanho? — rugiu uma voz.

Ribombou uma voz baixa e elefantina:

— Ele foi para ali. Com o outro.

— *Que outro?*

O Marquês desejou que eles viessem, o encontrassem e resolvessem tudo. Obviamente, houvera algum tipo de engano. Ele queria estar em sincronia com o rebanho e agora agia fora de compasso, uma vítima relutante. Queria trabalhar.

— O Portão de Lud — murmurou o Peregrino. E então foram cercados por silhuetas de pessoas que não eram exatamente pessoas: eram recortes de rostos vestidos com peles. Falavam agitados uns com os outros.

As pessoas soltaram as mãos do Marquês, embora tenham deixado a fita a cobrir-lhe a boca. Ele não se importou. Não tinha nada que dizer.

O Marquês ficou aliviado por tudo estar acabado e mal podia esperar para voltar ao trabalho, mas, para seu leve espanto, ele, o seu sequestrador e o seu amigo com o enorme nariz flexível foram levados na direção oposta ao poço, ao longo de um passeio, e por fim enfiados numa colmeia com pequenos quartos, cada um deles cheio de pessoas a trabalhar intensamente em sincronia.

Acima, alguns degraus estreitos. Um dos que o escoltavam, vestido com peles pesadas, arranhou uma porta. Uma voz gritou «Entre!» e o Marquês sentiu uma emoção quase sexual. Aquela voz. Era a voz de alguém que o Marquês tinha passado a vida inteira a querer agradar. (A sua vida inteira desde quando? Uma semana? Duas semanas?)

— Uma ovelha tresmalhada — informou alguém da escolta. — E o seu predador. E também o seu companheiro de rebanho.

A sala era larga e ornamentada com pinturas a óleo: paisagens, a maioria manchada pela idade e por fumo e pó.

— Porquê? — perguntou o homem, sentado numa mesa ao fundo da sala. Ele não se virou. — Porque é que me incomoda com essas parvoíces?

— Porque — disse uma voz, que o Marquês reconheceu como sendo do seu pretenso sequestrador — deu ordens dizendo que, se eu fosse capturado dentro das fronteiras do Arbusto do Pastor, deveria ser trazido à sua presença para ser eliminado pessoalmente.

O homem empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Dirigiu-se a eles, entrando na área iluminada. Havia um cajado de madeira apoiado na parede, no qual ele pegou ao passar. Fitou-os demoradamente.

— Peregrino? — disse por fim, e o Marquês vibrou com a sua voz. — Ouvi dizer que se tinha reformado. Que virara monge ou algo do tipo. Nunca imaginei que ousaria voltar.

(Algo grandioso preenchia a cabeça do Marquês. Algo lhe enchia o coração e a mente. Era algo enorme, algo quase palpável.)

O pastor esticou a mão e arrancou a fita da boca do Marquês. O Marquês sabia que deveria sentir-se extasiado por isso, deveria sentir-se encantado por receber atenção desse homem.

— Agora eu entendo… Quem teria imaginado? — A voz do pastor era profunda e ressonante. — Ele já está aqui. E já é um dos nossos? O Marquês de Carabás. Sabe, Peregrino, há muito que anseio pela oportunidade de lhe arrancar a língua, de triturar os seus dedos enquanto observa, mas pense o quão mais prazenteiro seria se a última coisa que visse fosse o seu próprio irmão a integrar o nosso rebanho, como o instrumento do seu fim.

(Algo enorme preencheu a cabeça do Marquês.)

O pastor era roliço, bem alimentado e muito bem vestido. Tinha cabelo grisalho e cor de areia e uma expressão tensa. Vestia um casaco extraordinário, mesmo ficando-lhe um pouco apertado. O casaco tinha a cor de uma rua molhada à meia-noite.

O Marquês percebeu que a coisa enorme que lhe preenchia a mente era raiva. Era raiva, e queimava as entranhas do Marquês como um incêndio na floresta, devorando tudo o que encontrava pelo caminho com uma chama rubra.

O casaco. Era elegante. Era lindo. Estava tão perto que poderia ter-se esticado para lhe tocar.

E era, sem dúvida alguma, o seu.

O Marquês de Carabás não fez nada para indicar que havia despertado. Isso seria um erro. Ele pensou, e pensou rápido. E o que pensou

não tinha nada que ver com a sala onde se encontrava. O Marquês tinha uma única vantagem sobre o pastor e os seus cães: tinha consciência de estar desperto e a controlar os seus pensamentos, e eles não.

Levantou hipóteses. Testou-as mentalmente. E então agiu.

— Desculpe — disse suavemente —, mas, infelizmente, preciso de ir embora. Podemos apressar as coisas? Estou atrasado para algo que é terrivelmente importante.

O pastor apoiou-se no seu cajado. Não parecia estar preocupado. Disse apenas:

— Abandonou o seu rebanho, de Carabás.

— Assim parece — disse o Marquês. — Olá, Peregrino. É ótimo ver que pareces estar tão alegre. E o Elefante. Que agradável. Está aqui o pessoal todo. — Voltou a concentrar-se no pastor. — Foi ótimo encontrá-lo, maravilhoso passar um pouco de tempo como alguém do seu pequeno grupo de grandes pensadores. Mas agora preciso mesmo de ir embora. Estou numa missão diplomática importante. Tenho uma carta para entregar. Sabe como é.

— Meu irmão, não sei se entendeste a gravidade da situação — disse o Peregrino.

O Marquês, que entendia na perfeição a gravidade da situação, respondeu:

— Tenho a certeza de que estas pessoas adoráveis — apontou para o pastor e para as três criaturas com cara canina, cobertas de pelos e de rosto pontudo que os cercavam — me deixarão sair daqui, deixando-te para trás. É a ti que eles querem, não a mim. E tenho algo extremamente importante para entregar.

— Eu aguento isso — respondeu o Peregrino.

— Agora têm de se calar — disse o pastor. Pegou na fita que tinha removido da boca do Marquês e pressionou-a na do Peregrino.

O pastor era mais baixo e mais gordo do que o Marquês, e o casaco magnífico ficava-lhe algo ridículo.

— Algo importante para entregar? — perguntou o pastor, limpando o pó que tinha nos dedos. — Do que estamos exatamente a falar?

— Temo não poder contar-lhe — disse o Marquês. — Afinal, não é o senhor o destinatário dessa comunicação diplomática particular.

— Porque não? O que é que diz? Para quem é?

O Marquês encolheu os ombros. O seu casaco estava tão perto que poderia ter estendido a mão para acariciá-lo.

— Somente uma ameaça de morte poderia obrigar-me a mostrar-lha — disse, relutante.

— Bem, isso é fácil. Eu ameaço-o de morte. É um acrescento à sentença de morte que já tem por ser um membro apóstata do rebanho. E quanto ao rapaz risonho aqui… — o pastor apontou com o seu cajado para o Peregrino, que não se ria — … ele tentou roubar um membro do rebanho. Isso também vale uma sentença de morte, além de tudo o que planeávamos fazer com ele.

O pastor olhou para o Elefante.

— E, sei que devia ter perguntado antes, mas, em nome da Bruxa Auld, o que é isso?

— Sou um membro leal do rebanho — disse o Elefante, humildemente, com sua voz profunda, e o Marquês questionou-se se ele soaria tão sem alma e monótono quando fazia parte do rebanho. — Permaneci leal e em sincronia mesmo quando esse tipo não continuou.

— E o rebanho está-lhe grato por todo o seu trabalho árduo — disse o pastor. Esticou uma mão e tocou a ponta afiada de uma das presas do Elefante, experimentando. — Nunca vi nada como você, e, se nunca vir outro de novo, está bem para mim. Provavelmente, é melhor que também morra.

As orelhas do Elefante torceram-se.

— Mas eu faço parte do rebanho…

O pastor olhou para o rosto enorme do Elefante.

— O seguro morreu de velho — disse. Depois dirigiu-se ao Marquês: — Bem? Onde está essa carta tão importante?

— Dentro da minha camisa — respondeu o Marquês. — Preciso de repetir que é o documento mais significativo que já me encarregaram de entregar. Devo pedir que não a leia. Para sua própria segurança.

O pastor deu um puxão no peito da camisa do Marquês. Os botões voaram e tilintaram nas paredes e depois no chão. A carta, no seu saco de sanduíche, encontrava-se no bolso interior da camisa.

— Isso é uma pena. Confio que nos vá ler a carta em voz alta antes de morrermos — disse o Marquês. — Mas, lendo ou não, posso prometer que eu e o Peregrino, perante tão elevada expectativa, estaremos com a respiração suspensa. Não é assim, Peregrino?

O pastor abriu o saco de sanduíche e olhou para o envelope. Rasgou-o e puxou uma folha de papel desbotada de lá de dentro. Quando o papel foi retirado, saltou uma nuvem de pó do envelope. A poeira pairava no ar imóvel daquele quarto escuro.

— «Minha querida e bela Drusilla» — leu o pastor em voz alta. — «Embora eu saiba que atualmente não sentes por mim o mesmo que sinto por ti…» Que maluquice é esta?

O Marquês não disse nada. Nem sequer sorriu. Estava, como dissera, a prender a respiração, esperançoso de que o Peregrino o tivesse entendido. E estava a contar, porque naquele momento contar parecia a melhor forma possível de se distrair a si mesmo da necessidade de respirar. Em breve ia precisar de respirar.

35… 36… 37…

Perguntou-se por quanto tempo os esporos do cogumelo permaneceriam no ar.

43… 44… 45… 46…

O pastor havia parado de falar.

O Marquês deu um passo para trás, temendo uma faca nas suas costelas ou dentes na garganta, por iniciativa dos homens de pelo áspero da guarda canina, mas nada aconteceu. Recuou, afastando-se dos homens caninos e do Elefante.

Viu que o Peregrino também estava a afastar-se.

Doíam-lhe os pulmões. As batidas do seu coração pulsavam-lhe nas têmporas com um som quase alto o suficiente para abafar o leve ruído de sinos nos ouvidos.

Apenas quando as costas do Marquês encontraram uma estante na parede e ele deu por si o mais longe possível do envelope é que se permitiu a inspirar fundo. Ouviu o Peregrino também a respirar.

Houve um barulho de algo a ser esticado. O Peregrino abriu ao máximo a boca e a fita caiu no chão.

— O que foi isso? — perguntou o Peregrino.

— A nossa escapatória deste quarto, e do Arbusto do Pastor, se não estou enganado — disse de Carabás. — E raramente estou. Podes desamarrar-me os pulsos, por favor?

Sentiu o Peregrino a mexer-lhe nas suas mãos atadas, e então as amarras caíram.

Deu-se um estrondo surdo.

— Eu vou matar algo — disse o Elefante. — Assim que descobrir o quê.

— Calma aí, querido — disse o Marquês, esfregando as mãos. — Quer dizer quem… quem vai matar. — O pastor e os cães de pastoreio estavam a dar passos desajeitados e hesitantes em direção à porta. — E posso garantir que não vai matar ninguém, não enquanto quiser voltar para casa, no Castelo, em segurança.

A tromba do elefante chicoteou, irritada.

— Sem dúvida que o vou matar a si.

O Marquês sorriu.

— Vai forçar-me a dizer *tretas* para calar essa boca — disse ele. — Ou *que disparate!* Até hoje nunca tive o menor anseio de dizer *que disparate!* Mas posso senti-lo agora mesmo a crescer dentro de mim…

— O que, pelo Templo e pelo Arco, se passa de errado consigo? — perguntou o Elefante.

— Pergunta errada. Mas responderei à pergunta correta, para sua informação. A pergunta real não é o que há de errado connosco; aquilo que não entrou no Peregrino nem em mim porque prendemos a respiração, e não entrou em si, não sei, provavelmente por ser um elefante, com uma boa pele espessa, mais provavelmente porque estava a respirar pela sua tromba, que se encontrava baixada, perto do chão; mas sim o que se passa de errado com os nossos captores. E a resposta é: o que não entrou em nós são os mesmos esporos que entraram no nosso corpulento pastor e nos seus companheiros pseudocaninos.

— Esporos do cogumelo? — perguntou o Peregrino. — O cogumelo do Povo do Cogumelo?

— Exato. O mesmíssimo cogumelo — concordou o Marquês.

— Inacreditável — disse o Elefante.

— É por isso que — disse de Carabás ao Elefante —, se tentar matar-me ou ao Peregrino, não só falhará como também nos condenará a todos. Ao passo que, se calar a boca e todos nós fizermos o nosso melhor para parecer que ainda somos parte do rebanho, temos uma oportunidade. Os esporos vão agora seguir o seu caminho até ao cérebro deles. E a qualquer momento o cogumelo vai começar a chamá-los para casa.

Um pastor caminhava implacavelmente. Segurava um cajado de madeira. Era seguido por três homens. Um desses homens tinha a ca-

beça de um elefante, outro era alto e ridiculamente bonito, e o último do rebanho vestia o mais magnífico casaco. O casaco servia-lhe na perfeição, e era da cor de uma rua molhada à noite.

O rebanho foi seguido pelos cães de guarda, que se moviam como se estivessem prontos para caminhar pelo fogo para chegarem onde quer que acreditassem estar a dirigir-se.

Não era invulgar no Arbusto do Pastor ver um pastor e parte do seu rebanho a deslocarem-se de um lugar para o outro, acompanhados por vários dos seus mais ferozes cães pastores (que eram humanos, ou já haviam sido). Então, quando viram um pastor e três cães de pastoreio aparentemente a liderar três membros do rebanho para fora do Arbusto do Pastor, nenhum elemento do rebanho maior prestou atenção. Os membros do rebanho que os viram fizeram apenas as mesmas coisas que sempre faziam como membros do rebanho. E, se ficaram cientes de que a influência dos pastores tinha diminuído um pouco, então esperaram pacientemente que viesse outro pastor para cuidar deles, e mantê-los protegidos dos predadores e do mundo. Afinal, era assustador estar sozinho.

Ninguém reparou quando eles atravessaram as fronteiras do Arbusto do Pastor e continuaram a caminhar.

Os sete atingiram as margens do Kilburn, onde pararam, e o antigo pastor e os três homens caninos desgrenhados entraram na água a passos largos.

Naquele momento, não havia, sabia o Marquês, nada nas cabeças dos quatro homens, além da necessidade de chegar ao Cogumelo, de provar mais uma vez a sua carne, de deixá-lo vivo dentro deles, de servi-lo, e servi-lo bem. Em troca, o Cogumelo consertaria tudo aquilo que odiavam neles próprios: tornaria as suas vidas interiores mais felizes e mais interessantes.

— Deveria ter-me permitido matá-los — disse o Elefante, enquanto o antigo pastor e os cães de pastoreio se afastavam.

— Não faz sentido — respondeu o Marquês. — Nem mesmo por vingança. As pessoas que nos capturaram já não existem.

O Elefante balançou as orelhas com força e depois coçou-as vigorosamente.

— Por falar em vingança… afinal de contas, para quem é que roubou o meu diário, raios? — perguntou.

— Victoria — admitiu de Carabás.

— Na verdade, não constava da minha lista de potenciais ladrões. Ela é enigmática — referiu, passado um bocado, o Elefante.

— Não vou discutir esse assunto — disse o Marquês. — Além disso, ela não me pagou o valor total acordado. Acabei por ter de deitar a mão a um brinde para compensar a dívida.

Enfiou uma mão escura dentro do casaco. Os seus dedos encontraram os bolsos óbvios, e os menos óbvios, e então, para sua surpresa, o menos óbvio de todos. Enfiou lá a mão e puxou uma lente de aumento numa corrente.

— Era da Victoria — disse ele. — Creio que será possível usá-la para ver através de coisas sólidas. Talvez isso possa ser considerado um pequeno pagamento da dívida que tenho para consigo…?

O Elefante tirou algo do próprio bolso — o Marquês não podia ver o que era — e olhou para lá através da lupa. A seguir, o Elefante fez um barulho que ficava entre um sopro de prazer e um bramido de satisfação.

— Oh, ótimo, muito bem — disse ele. Guardou os dois objetos. Então disse: — Suponho que salvar a minha vida compense o roubo do meu diário. E, embora eu não precisasse de ser salvo se não o tivesse seguido pelo esgoto, não faz sentido haver mais recriminações. Considere que a sua vida lhe pertence de novo.

— Estou ansioso por um dia visitá-lo no Castelo — disse o Marquês.

— Não abuse da sorte, amigo — disse o Elefante, com uma chicotada irada da tromba.

— Combinado — disse o Marquês, resistindo à vontade de realçar que só sobrevivera até ali por abusar da sorte. Olhou em volta e percebeu que o Peregrino mais uma vez tinha desaparecido misteriosa e irritantemente nas sombras, sem sequer se despedir.

O Marquês odiava quando as pessoas faziam aquilo.

Fez uma vénia breve e afável ao Elefante, e o casaco do Marquês, o seu glorioso casaco, associou-se à vénia, ampliou-a, tornou-a perfeita e fez dela o tipo de vénia que apenas o Marquês de Carabás poderia fazer. Fosse ele quem fosse.

O Mercado Flutuante seguinte seria instalado no Jardim do Telhado do Derry e Tom. O Derry e Tom não existia desde 1973, mas o tempo e o espaço e a Londres-de-Baixo tinham as suas próprias regras complexas, e o jardim no telhado estava mais jovem e mais inocente do que é

hoje. O pessoal da Londres-de-Cima (eram jovens, e estavam envolvidos numa discussão acalorada, e usavam saltos em camadas, blusas *paisley* e calças à boca de sino, tanto os homens quanto as mulheres) ignorava completamente o pessoal da Londres-de-Baixo.

O Marquês de Carabás atravessou o jardim no telhado como se fosse o dono do lugar, caminhando rapidamente até chegar à praça de alimentação. Passou por uma mulher minúscula que vendia uma pilha de sanduíches de queijo enrolado num carrinho de mão, por uma banca de caril, por um homem baixo com um garfo de lareira e uma enorme tigela de vidro de peixes cegos de um branco pálido, até finalmente chegar à tenda onde estavam a vender o Cogumelo.

— Uma fatia de cogumelo, bem grelhada, por favor — pediu o Marquês de Carabás.

O homem que anotou o seu pedido era mais baixo do que ele mas, mesmo assim, e de certa maneira, mais robusto. Era calvo, tinha cabelos louros claros e uma expressão atormentada.

— Sai já — disse o homem. — Mais alguma coisa?

— Não, é tudo — A seguir, o Marquês perguntou, por curiosidade: — Lembra-se de mim?

— Creio que não — respondeu o homem Cogumelo. — Mas devo dizer que tem um belíssimo casaco.

— Obrigado — disse o Marquês de Carabás e olhou em volta. — Onde está o jovem que trabalhava aqui?

— Ah. Essa é uma história curiosa, senhor — disse o homem. Ele ainda não cheirava a humidade, mas já havia uma pequena incrustação de cogumelos na parte de lado de seu pescoço. — Alguém disse à bela Drusilla, da Corte dos Corvos, que nosso Vince tinha planos para ela, e tinha, pode não acreditar, mas garantiram-me que é verdade: aparentemente, ele enviou-lhe uma carta cheia de esporos com a intenção de transformá-la na sua noiva no Cogumelo.

O Marquês ergueu uma sobrancelha, intrigado, apesar de não ter achado nada daquilo uma surpresa. Afinal de contas, ele mesmo havia contado a Drusilla e mostrara-lhe a carta original.

— Ela lidou bem com a novidade?

— Não acho que tenha lidado nada bem com isso, senhor. Não mesmo. Ela e várias das irmãs ficaram à espera do Vince e emboscaram-nos a caminho do mercado. Ela disse-lhe que tinham assuntos de natureza

íntima a discutir. Ele pareceu encantado pela novidade e foi com ela descobrir que assuntos seriam esses. Passei a noite toda à espera que ele chegasse ao mercado para vir trabalhar, mas já não acredito que venha — continuou o homem, melancólico. — Esse casaco é muito sofisticado. Sinto como se pudesse ter tido um desses numa vida anterior.

— Não duvido — disse o Marquês de Carabás, satisfeito com o que havia escutado, enquanto cortava a sua fatia grelhada do cogumelo. — Mas este casaco em particular é definitivamente meu.

Enquanto saía do mercado, passou por um aglomerado de pessoas que descia a escada, parou e acenou com a cabeça para uma jovem de graciosidade incomum. Ela tinha cabelos longos alaranjados e o perfil achatado de uma beleza pré-rafaelita, além de uma marca de nascença em forma de estrela de cinco pontas nas costas da mão. A sua outra mão acariciava a cabeça de uma coruja grande e desgrenhada que olhava desconfortável para o mundo com olhos incomuns para um pássaro daqueles, de um azul claro e intenso.

O Marquês acenou, e ela fitou-o de modo desconfortável. Depois, desviou o olhar, como alguém que começava a perceber que devia um favor ao Marquês.

Ele acenou-lhe amigavelmente e continuou a descer.

Drusilla apressou-se atrás dele. Parecia que queria dizer alguma coisa.

O Marquês de Carabás chegou antes dela ao fim da escada. Deteve-se momentaneamente e pensou nas pessoas e nas coisas, e sobre o quanto era difícil fazer algo pela primeira vez. A seguir, vestindo o seu casaco encantador, sumiu de modo misterioso e até irritante nas sombras, sem sequer se despedir, e assim se foi.